

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

CARTOGRAFAR COM CRIANÇAS
É possível olhar a nossa cidade através do olhar da infância?

Porto Alegre
2º Semestre
2011

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

CARTOGRAFAR COM CRIANÇAS

É possível olhar a nossa cidade através do olhar da infância?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia. Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Carmen Silveira Barbosa.

Porto Alegre

2º Semestre

2011

Um instante, esse ser inconcebível,
está entre o movimento e o repouso,
Não existindo em nenhum tempo,
e nele e dele transforma-se o movido em repouso
e o repousado em movimento.
Parménides
O que a fotografia infantil faz ver?
O instante capturado
Olhar que mobiliza e revela o corpo da cidade
Não enquadra
Imagem sem margem
Olhar estrangeiro
Múltiplo, desconcertante, potente
Olhar índio, negro, branco, urbano
Esboço de si mesmo
Experiência
Cartografar
Traçar um caminho
na cidade que não se vê
Sem guia, sem mapa
O chão acolhe, o sol arde, a água abraça
A imagem acorda a vida na lente
Olhar-próprio de quem habita as margens
Aprisiona o instante alegre do porto
Capta o invisível da rua, do parque, do cais, da usina
Sentido aberto que move a cidade
Ensaia deslocamentos
Desestabiliza a hierarquia do olhar
Compartilha a cidade que padece
Sem palavras a imagem traduz a cidade
que a criança quer desperta
Maria Carmen Silveira Barbosa (FACED/UFRGS)
Susana Beatriz Fernandes (MJF/SMED)
Aprendizes das linguagens das crianças

Dedico ao Paulo, Gabriela, Luciana, Rafael, Julia, Marina, Maria Clara que inventaram comigo uma vida de aluna entre as tantas outras vidas que temos.

Agradeço à Professora Adriana da Silva Thoma pelos óculos de aro grosso, ao Professor Luciano Bedin da Costa pelo pote de tinta, à Professora Maria Carmen Silveira Barbosa pelo novelo de restos de lã e barbante, à Professora Susana Beatriz Fernandes pela tesoura, à Professora Sandra Mara Corazza pelos raios, à amiga Bianca Costa Ceroni por insistir e existir, e todos os amigos, mestres e parceiros desse tempo da graduação.

RESUMO

Essa pesquisa busca entender as maneiras como um grupo de crianças se apropria e recria os espaços urbanos. As crianças residem no Quilombo Urbano Areal da Baronesa que se localiza na Região Central de Porto Alegre. Essa pesquisa é um recorte do Projeto Cartografias Infantis, o percurso acadêmico anterior e os trajetos que possibilitaram esse estudo também são rastreados. São utilizadas as pistas do método cartográfico de Kastrup e Escóssia (2009) nesse rastreo e reconhecimento atento dos sentidos dados pelas crianças aos espaços urbanos. Para pensar sobre as crianças e as suas relações com esses espaços, dialogo com Deleuze & Guattari, entendendo que com eles podemos olhar e viver a cidade como um corpo urbano funcional (ainda que por vezes aparentemente caótico), no qual os lugares são demarcados para que a vida possa se efetivar com uma suposta segurança. A cidade, partindo deste princípio, apresenta-se como espaço estriado, um rugoso tecido que coloca as ações cotidianas à mercê desta engenharia. Nos espaços urbanos circula-se, habita-se, trabalha-se, diverte-se, brinca-se. Como considerações provisórias, percebo que a cidade – ou pelo menos uma das cidades possíveis, aquela capturada pelos olhares múltiplos das crianças quando olham para esta grande maquinaria que atende pelo nome cidade – ganha novas imprecisões em seus costumeiros contornos.

Palavras – chave: Pesquisa com crianças, cartografias infantis. Espaços Urbanos.

Sumário

As palavras para começar.....	7
Das coisas que não posso escolher para Tecer.....	7
Das coisas que nos escolhem.....	8
Óculos de aro grosso sem lentes.Pote de tinta azul.Novelo de restos de lã e barbante.....	9
Dos raios, rãs e tesoura.....	10
Cartografias Infantis	11
Anotações/Recortes/Localizações. Das cadernetas das Oficinas.....	12
Oficina 1.....	15
Oficina 2.....	16
Dos Desvios, dos (des)encontros.....	17
Oficina 3. Suspensa no momento – Volto aqui depois	18
Oficina 4	19
Oficina 5.....	21
A Oficina germinal	23
Polifonias infantis	23
Colocando algumas lentes nos óculos	26
A cartografia é feita de encontros	28
Hódos-metá: revertendo o método	28
Anotações num diário de bordo	29
Da areia desse areal, das habilidades da prática da cartografia, das vozes dessas crianças...29	
(As crianças e o Olavo falam sobre o Areal).....	30
Zonas de intercâmbio-contaminação-mistura-intervenção.....	31
Cidade/Infância Memória do Invisível.....	36
O que fica de uma experiência cartográfica?.....	40
Confissões de encantamento.....	41
Não é tudo, mas é tanto.....	42
Referências.....	43

As palavras para começar

Quando a escrita de um trabalho de conclusão se inicia? Quanto tempo leva para terminar um curso de quatro anos? *As palavras, essas breves aparições de nós mesmos, daquilo que pensamos, daquilo que nos mobiliza e nos faz tremer a voz, as vísceras e o olhar* (FISCHER, 2005, p.121) aqui se organizam em frases, parágrafos e capítulos. As palavras sistematizam, balizam um percurso, escrevem um texto. Um texto que se inscreveu na existência de quem o escreve, o texto é epidérmico, no mais profundo do que a pele é.

No sétimo semestre fui questionada sobre o que escreveria em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e se nessa escrita eu daria conta do percurso “esquizofrênico” que fiz durante a graduação. O “esquizofrênico” do meu percurso constato que não foi característica exclusiva de minha graduação, ele é o meu jeito de percorrer. Meus passos são assim: vacilantes, decididos, cambaleantes, trôpegos, firmes, fortes, temerosos, destemidos, inseguros, rápidos e se dão no (di)vagar de meu andar.

Das coisas que não posso escolher para *Tececer*

O TCC de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul “*trata-se de uma produção escrita, conforme as normas estabelecidas pela COMGRAD/EDU e consiste na prática de pesquisa, através das seguintes etapas: - elaboração de um projeto de investigação com base ou nas experiências do estágio de docência ou em outras práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do curso; - produção escrita decorrente da referida investigação*”. Meu estágio de docência foi na Educação de Jovens e Adultos, modalidade na qual nunca lecionei e na qual minhas aproximações se deram durante a graduação. A aproximação com uma turma de EJA foi daquelas coisas que escapam a língua, é da (des)ordem das coisas que tem cheiro, cor, pixel, sabor. É também das coisas que me fazem chegar até aqui, em um tempo que talvez se contado unicamente pelo calendário não seja o adequado, mas este é o tempo que inventamos, é o tempo (des)esperado, de vidas que escapam aos tempos regulares da escola.

Das coisas que nos escolhem

Algumas antigas inquietações que trago se segmentam e movimentam continuamente nos agenciamentos que aqui acontecem. **Nos últimos anos as relações das crianças com os espaços urbanos me instigaram em função de uma mudança de lugar.** Eu que tivera uma escola de educação infantil durante vinte anos, em casas adaptadas para atenderem as especificidades das crianças de zero a seis anos, iniciei em 2006 um projeto de atividades de multiidade com crianças de três a treze anos – o *Espaço Múltiplo* –, no turno inverso da escola, em um Clube de Tênis de Porto Alegre.

A arquitetura de um clube, na qual os espaços não eram projetados para atender crianças ou para ser uma escola (e de fato não era) e onde um pátio de piso irregular, escadas de degraus mais altos do que os pés podiam alcançar, ninhos caídos de árvores depois de uma chuva, piscinas de profundidade maior que a altura de seus ocupantes, uma única sala para todas as idades eram perigosas, deliciosas e desafiadoras possibilidades de muitas coisas. **Os diferentes espaços do clube potencializavam experiências e estratégias de ocupação de território muito diversas das que eram proporcionadas em um ambiente adaptado para crianças em escolas de educação infantil.**

Dessa mudança de lugar, do deslocamento da escola de uma casa adaptada para um clube, surgiu minha inquietação com as relações das crianças com os espaços e arquiteturas urbanas. As cidades são pensadas e construídas por seus habitantes adultos que “adotam como parâmetro o cidadão adulto, abandonando os cidadãos não adultos” (TONUCCI, 1997, p.181). Projetamos escolas, parques, adaptamos casas para atender as especificidades das crianças, porém os saberes das crianças sobre a cidade e os equipamentos urbanos são desconsiderados, estas não são ouvidas e seus interesses não influenciam nas decisões acerca desses espaços. Essas inquietações se proliferaram e contaminaram enquanto eu participava dos encontros e atividades de extensão promovidas pelas diversas linhas de pesquisa dessa faculdade. E disponível aos encontros e acasos encontrei as parcerias que possibilitaram a escrita e execução do projeto de pesquisa do qual farei um recorte para esse TCC.

Óculos de aro grosso sem lentes

Pote de tinta azul

Novelo de restos de lã e barbante

Por que o medo em ser autobiográfico? Toute autobiographie s'écrit du fond du cercueil, escreve Chateaubriand. Sim, do fundo de um caixão. Só pode ser este o temor, o de se estar vivo enterrando-se. Ou o de ser um fantasma olhando para seu próprio corpo estendido. (COSTA, 2009)

Ingressei no curso de Pedagogia em 2008/1 e iniciei em agosto desse mesmo ano como bolsista na pesquisa *Língua de Sinais e Políticas de Inclusão: a diferença surda na escola*. Das primeiras coisas que recebi junto com a imensa lista de livros e responsabilidades de bolsista, foi um par de óculos de aro grosso e sem lentes o presente que mais apreciei. Os óculos eram usados na tentativa de focar um olhar periférico, estrábico, teimoso que insistia em olhar tudo ao redor, os pequenos detalhes, aquilo que de tão minúsculo quase não se percebia. Os aros grossos tentavam delimitar, antecipando aos olhos que esse era um percurso que se faz com escolhas, e, que nem tudo que se vê podemos dar conta. Que podemos dizer sobre o que vemos muitas coisas, mas não podemos dizer todas as coisas, e que nem tudo que vemos diz respeito a essas mesmas coisas. Os óculos não tinham lentes, quem me deu preocupava-se com as questões da produção do olhar, queria que eu focasse, que eu não me desviasse, mas, ainda assim, queria esse olhar “verde”, “novidadeiro”. Podia então eu ler os livros dos Estudos Culturais e ainda assim circular na Filosofia da Diferença e na Sociologia da Infância. Quem me deu esses óculos ensinou-me que pesquisa, ética, responsabilidade, extensão e ensino andam juntos e dependem umas das outras para existirem.

Também no segundo semestre de 2008, ganhei um pote de tinta da marca: O Cavaleiro Azul. A tinta era para usar em uma caneta tinteiro antiga que eu deixava esquecida em uma gaveta. Um pote inesgotável para escrever e re-escrever, tatuar as palavras na pele, deixar transbordar entre as linhas da folha de papel. Quanto mais escrevo, mais tinta aparece no pote, essa tinta se faz dos pigmentos das palavras impressas das leituras desviantes e desviadas de Miller, Lispector, Bukowski, Kerouac. Quem me deu o pote de tinta viajou, voltou, ensinou-me que eu não precisava temer o que eu escrevia e podia também e além, com a tinta desenhar nas bordas das minhas cadernetas, fazer asas. Tinta para escrever, desenhar, anotar aquilo que

não quer escapar. Com a tinta peguei a estrada, viajei. Aprendi assim que escrever era também perder (se)...

No segundo semestre de 2010 ganhei um novelo de lã e barbante, pequenos pedaços coloridos de diferentes texturas e espessuras, amarrados uns aos outros com destreza e delicadeza. À medida que eu ia desenrolando esse novelo – que eu usava para marcar o caminho que agora eu via com os óculos e anotava com a tinta – percebia que ele era feito de muitos pedaços meus. De “pedaços” velhos de minha trajetória na educação infantil que havia jogado fora com muito pesar. De pedaços de “normalista” com meus pedaços de “tia Lari” e professora de educação infantil. Meus pedaços novos de pesquisadora, aluna, pedaços esses que eram amarrados aos das políticas públicas da educação da infância, aos de formação continuada de professores da educação básica, aos da educação à distância... e todos esses pedaços ganhavam no novelo um novo colorido. Quem me deu esse novelo ensinou-me que a vida acadêmica é para pessoas incansáveis, generosas, que agregam e possibilitam os agenciamentos.

Com os óculos de aro grosso e sem lentes, um pote de tinta e um novelo de restos de lã e barbante eu escrevo e me inscrevo nesse TCC, que teve início desde o segundo semestre de 2008 e talvez muito antes. Tentando ainda fixar o olhar periférico, tentando mais escrever do que temer, tentando re(des)conhecer os pedaços do novelo sigo, tentando.

Dos raios, rãs e tesoura.

Quando eu era uma criança bem pequena, em dias de temporal, os espelhos eram tapados com lençóis e as tesouras eram fechadas porque atraíam os raios. Raios e tesouras são desse passado e agora são presentes. Preciosos presentes. Recebi raios barulhentos e luminosos da mesma pessoa que em seu “Manual Infame, mas Útil”, alertou sobre duas *rãzinhas que pulam da teoria e do objeto bruto*, esses raios muitas vezes mais escureciam o trajeto do que iluminavam e era nessa escuridão que eu devia encontrar algo se soubesse procurar.

Pouco antes de iniciar essa escrita, uma tesoura chegou a minhas mãos. Uma tesoura para recortar de tudo um pouco das coisas que tanto gosto, e, para que lá no final eu pudesse dizer que *assim foi o que eu te conto*. Essa tesoura é para ser usada em “uma operação inicial de depredação e apropriação de um objeto que o prepara para a lembrança e para a imitação,

ou seja, para a citação.” (COMPAGNON, 1996, p. 14). Com essa tesoura retirei pedaços de livros que havia antes circulado com caneta, lápis, onde colocava pontos de exclamações, onde escrevia coisas assim: eu queria ter escrito isso, ou, isso é algo meu. Recortei com essa tesoura para enxertar aqui. Recortei também textos que já foram escritos e apresentados, um na I Jornada Gilles Deleuze em Mar del Plata em junho de 2011 e outro encaminhado para a revista da *Associació de Mestres Rosa Sensat* de Barcelona, pedaços que utilizei para o capítulo metodológico. Esse TCC tem recortes e colagens, é um texto fragmentado, pedaços do que se guardou, com os despedaçados das coisas que estavam esquecidas, com recortes do tanto que transbordou. Algumas vezes esses fragmentos aparecem sem se colar com o que aí está, esses pedaços ficam entre texto, em zona indiscernível, misturam texto, tecido, pele e papel.

Em dias de temporal não coloco mais lençóis sobre os espelhos, não fecho mais as tesouras, espero com elas abertas os próximos raios.

Cartografias Infantis

Em 2010 um edital da Fundação Nacional da Artes intitulado Bolsa de Reflexão Crítica e Produção Cultural para a Internet foi a oportunidade de dar forma ao que em muitas conversas sobre **Infâncias e Cidades** indicava os contornos de uma pesquisa. Escrever para concorrer a um edital exige entendimento do que é solicitado pelo programa, no caso específico desse, estava explicitado no site da FUNARTE o seguinte:

O foco desse programa são os trabalhos de pesquisa inéditos relacionados às diversas linguagens artísticas, baseados em computadores e suas possíveis extensões, e a produção cultural para a internet, incluindo criação, design, manutenção e hospedagem de páginas de natureza cultural na rede mundial de computadores. <http://www.funarte.gov.br/edital/bolsa-funarte-de-reflexao-critica-e-producao-cultural-para-internet/>

Foi encaminhada à Funarte a intenção de pesquisa que se constituía basicamente da criação e manutenção de um site para crianças, pesquisadores da infância e pessoas interessadas em conhecer a cidade de Porto Alegre, que propiciaria condições de acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial e dificuldade de comunicação. Nesse site a cidade de Porto Alegre seria apresentada por diferentes narrativas através dos olhares fotográficos de crianças de 5 a 12 anos, alunos das escolas de educação básica da rede pública municipal e estadual, assim como da rede particular do município.

Esses registros seriam obtidos inicialmente através de Oficinas públicas para as crianças, realizadas em cinco lugares da capital. Ocorreriam, concomitantemente, Oficinas de capacitação para professores das escolas de educação básica da rede pública e particular, para a multiplicação da atividade em diferentes escolas e comunidades. As produções obtidas nas Oficinas realizadas posteriormente nas escolas proporcionariam a atualização do conteúdo e a manutenção do site¹, que fará uma espécie de cartografia da cidade através do olhar infantil.

A escolha do título do projeto – *Cartografias Infantis*²: a cidade pela criança/a fotografia pela infância – buscava refletir acerca dos saberes sobre a fotografia e sobre a infância na cidade de Porto Alegre. Assim, o ato de fotografar ganharia novas perspectivas através do olhar das crianças e a infância e seria recriada através do uso da fotografia, sendo as próprias crianças os autores dessas reflexões. A página possibilitaria **conhecer e pensar o espaço urbano a partir do olhar de suas crianças**, nas formas que estas utilizaram para representar Porto Alegre e seus pontos turísticos, suas comunidades, suas escolas, seus espaços públicos e lugares inusitados.

Pretendíamos, com isto, disponibilizar na Internet um espaço de valorização dos olhares das infâncias para esses “equipamentos urbanos” (LOPES, 2007). O site deveria expressar a concepção de infância assumida, pois para Moreira Lopes a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, é a paisagem e, por serem produtoras de cultura e de geografias, enriquecem nossa condição humana (LOPES, 2007, p. 55).

Assim, as crianças são entendidas como sujeitos sociais, como agentes produtores do espaço que ocupam, dando significados às suas espacialidades, de modo a construir territórios, lugares. Para Marita Redin (2007, p. 86), estar atento à criança em suas diferentes

¹ Endereço do Site: <http://cartografiasinfantis.com.br/>

² O Projeto é coordenado pelo Professor Dr. Luciano Bedin da Costa (DEBAS/FACED) e são integrantes a mestre em educação/ UFRGS e artista plástica Mayra Martins Redin, a aluna de graduação do Instituto de Artes/UFRGS e fotógrafa Luciana Bandeira, a mestre em educação Carolina Gobatto como observadora externa, a aluna de graduação do curso de pedagogia Bianca Costa Ceroni como observadora externa. O projeto foi apoiado institucionalmente dentro da FACED pela professora Dr^a Maria Carmen Silveira Barbosa (DEE/PPGEDU) que coordenou as atividades de extensão e pela professora Dr^a Susana Beatriz Fernandes que foi colaboradora e representou a SMED junto às atividades realizadas. Eu fui a oficinaira do projeto, responsável pela organização e articulação das oficinas.

manifestações culturais, sociais e afetivas, é reconhecê-la efetivamente como sujeito, em seu potencial participativo, solidário, criativo e empreendedor. Euclides Redin (2007), afirma que a cidade precisa ser reinventada, e que essa “Será equânime, pluritécnica, intercultural, ecumênica, será solidária, produtora de cidadania e de cidadãos emancipados. Será a moradia dos homens reencontrados” (2007, p.152). Partindo desta concepção, pretendíamos propor um mapa virtual de Porto Alegre, uma cartografia afetiva-estética, onde pudéssemos olhar a nossa cidade através do olhar da infância.

Quando escrevemos para concorrer a um edital parece que temos muitas certezas, que estamos preparados para todos os desafios decorrentes. Quando ele está terminado, pronto para enviar, por vezes encontramos em formas duras e prescritivas os objetivos, a justificativa e os procedimentos. Tal qual um planejamento de aula, o projeto é uma proposta, uma intenção, não necessariamente precisamos ter ali as respostas para todas as perguntas, porém de muitas maneiras é nessas formas de escrita plano, planejamento, projeto que singularidades são achatadas em um estilo que tenta explicitar algumas certezas, na tentativa de oferecer um mapa prévio para nos lançar naquilo que de tão familiar e desconhecido assusta e instiga.

Durante a execução do *Cartografias Infantis* nos anos 2010 e 2011, houve a aproximação com um grupo de crianças moradoras do Quilombo Areal da Baronesa, localizado na Região Central de Porto Alegre. Essas crianças participaram do projeto e os desencadeamentos dessa aproximação suscitam essa reflexão com outras tantas linhas que também atravessam esse TCC e, sem delimitar, integram, multiplicam, confundem-se com o processo de constituição docente, movimentando-se intensamente nos encontros com os tempos, gentes e coisas do percurso percorrido para essa investigação e sua produção escrita.

Tornar visíveis as maneiras como esse grupo de crianças se apropria e recria os espaços da cidade questionando: é possível olhar a nossa cidade através do olhar da infância?

(Eis um problema, porque precisamos escolher um entre tantos).

Anotações/Recortes/Localizações

Das cadernetas das Oficinas

As cinco Oficinas, realizadas com diferentes grupos de crianças em diferentes locais da cidade onde foram produzidas as fotografias para a construção do site do Projeto *Cartografias Infantis*, foram registradas minuciosamente durante e após a realização das mesmas. Para Barros e Kastrup esses relatos não devem ser meros registros de informações:

Os relatos contêm informações precisas... comportando também uma descrição mais ou menos detalhada - e contêm também impressões e informações menos nítidas, que vêm a ser precisadas e explicitadas posteriormente. Longe de ser um momento burocrático, sua elaboração requer até mesmo um certo recolhimento, cujo objetivo é possibilitar um retorno à experiência do campo, para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência. Há uma processualidade na própria escrita. Um processo aparentemente individual ganha uma dimensão claramente coletiva quando o texto traz à cena falas e diálogos que emergem nas sessões ou visitas ao campo. (BARROS; KASTRUP, 2009, p.70,71)

Nesses relatos se faz presentes a multiplicidade de vozes e afetos das crianças, dos autores utilizados, dos transeuntes e ocupantes dos espaços “sendo tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem” (ROLNIK; 2006, p.23).

Nos próximos fragmentos transcrevo as anotações das Oficinas que foram realizadas para o projeto *Cartografias Infantis*, procedimento necessário para acompanhar o processo, para entender o percurso. “A escrita é uma prática preciosa” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.69). “Podemos dizer que para a cartografia essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer.” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.70). Além das escritas das cadernetas³, as crianças foram fotografadas em todas as Oficinas, ou pela fotógrafa que acompanha o projeto, ou pelas observadoras externas, ou pelos próprios oficinairos. Esse registro visual, esses diferentes olhares adultos para as produções das crianças trazem também a potência do que foi vivido, mesmo que imobilizado dentro de uma fotografia.

³ As cadernetas foram utilizadas para o registro minucioso das falas das crianças aqui transcritas em fonte Comic San, colorida para diferenciar a fala de cada uma. As cadernetas acompanharam todas as oficinas e os detalhes do campo eram ali registrados.

Oficina 1

Local: Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque da Redenção.

Com quem? Quatro meninas (Marina B. (4 anos), Marina R. (9 anos), Camila C. (8 anos) Larissa C.(11 anos), filhas de amigas.

Quando: 9 outubro de 2010 às 10 horas.

No canto da página anotei: *E para quê registrar o processo? O que fazer com este registro? A quem endereçá-lo?* (BARROS, BARROS. P.172.2009)

Questões de última hora: apresentar às crianças fotografias, cartões postais ou outras imagens que já existem do parque? A questão da produção do olhar se apresentando. Decidimos não mostrar material algum antes de iniciar, as crianças que foram já conheciam o parque e alguns de seus recantos de visitas anteriores feitas com os familiares. Pensamos que apresentar fotografias que já haviam sido feitas poderiam (re)produzir os enquadramentos, os lugares, as escolhas. Algumas pistas que as crianças nos deram: **a cidade tem lugares abertos e fechados, têm os lugares que conhecemos com a escola e os que conhecemos com a família, e quem nos leva aos parques são as avós, e, quem nos leva ao shopping são os pais. Gostamos mais de parques quando somos pequenos depois a gente prefere shopping.**



(Fotografia 1 – Uma das crianças fotografa a outra que observa o lago)

Dentre os muitos percursos que o parque oferece, a escolha por deslocar-se em determinado espaço foi das crianças. Elas nos colocaram em movimento, em passeio, em

estado de reconhecimento atento, não apenas do percurso visual, mas das coisas que falavam e traziam para a conversa.

Cada criança tinha uma máquina ou celular e após fotografarem sentamos para conversar e combinamos que elas escolheriam, entre as fotografias que tiraram, quais as que mais gostaram e quais gostariam que estivessem no site. A escolha das fotografias foi feita em casa com auxílio dos pais e posteriormente enviadas por e-mail. O número de fotografias que cada criança poderia escolher para estar no site foi uma questão que apareceu como um primeiro critério para a escolha: quantidade. Respondendo à pergunta anotada no canto da página no início desse relato: *E para quê registrar o processo? O que fazer com este registro? A quem endereçá-lo?* (BARROS, BARROS. P.172.2009), intuo que registro para poder voltar, para poder recorrer, tal qual a linha que marca o trajeto para retornar (talvez não mais para o mesmo lugar).

Oficina 2

Local: Jardim Botânico

Com quem? 35 crianças da Colônia de Férias do Espaço Múltiplo, de 3 a 13 anos.

Quando: 17 de janeiro de 2011 às 14 horas. Temperatura: 34°C.



(fotografia 2 – criança fotografa o chão do Jardim Botânico)

O percurso de 1.500 metros entre o Clube onde funcionava a Colônia de Férias e o Jardim Botânico foi feito caminhando por crianças que costumeiramente se deslocam apenas no banco traseiro dos carros dos pais. Entre um ponto e outro, no calor de uma tarde de aorão, as crianças ganharam a calçada, o paralelepípedo, o asfalto, o olhar das pessoas que

circulam nas ruas. Um caminho tão familiar apenas aos os olhos agora era percorrido com os próprios pés. O Jardim Botânico é um local que tem uma estrutura organizada, oferece de forma pedagogizada o acesso aos seus diversos espaços e mapas de localização se espalham por toda a extensão dos percursos oferecidos. Porém entre tantas ofertas a opção deles foi por trilhas secundárias. **Se fosse para fazer outro trajeto a gente vinha com a profe do colégio.** Isso talvez aponte para um possível esgotamento ao percorrer sempre o trajeto que pedagogicamente é oferecido e a vontade de conhecer de outras formas o mesmo conhecido espaço. As fotografias resultantes dessa visita foram pré-selecionadas pelas próprias crianças logo após o retorno do local, utilizando os dispositivos de seleção de suas máquinas, celulares e computadores. Cada uma escolheu cinco fotografias. A seleção exigiu a atenção e concentração das crianças, tendo em vista a grande quantidade e densidade do material produzido e a possibilidade de fazer a seleção imediatamente após a Oficina.

Dos Desvios, dos (des)encontros

A proposta inicial do projeto era realizar as Oficinas com alunos das escolas das redes privada e pública municipal e estadual de Porto Alegre. O cronograma da FUNARTE, o tempo que teríamos para colocar o site no ar, apresentar o relatório e a greve das escolas do município provocou uma mudança significativa nos planos iniciais.

Os grupos com os quais trabalhamos em quatro das cinco Oficinas realizadas foram de crianças que se não se reuniam sob o signo de uma turma de alunos de uma escola. Os grupos eram reunidos ora pela frequência em uma atividade comum, como no caso das crianças da Colônia de Férias do Espaço Múltiplo (Oficinas 1 e 2 e Oficina Germinal), ora por residirem em um mesmo local, como no caso das crianças da comunidade Quilombola do Areal (Oficina 3) e da Aldeia Kaigang (Oficina 5).

Grupos constituídos por crianças de diferentes idades, de diversas escolas e reunidas não para participar das Oficinas, mas por interesses comuns, por afetos e por pertencerem a determinados territórios. A faixa etária prevista inicialmente era de 5 a 12 anos, mas nas configurações dos grupos participantes os limites ficaram entre 3 e 14 anos.

Já havíamos realizado duas Oficinas com o grupo da Colônia de Férias do Espaço Múltiplo e das poucas intenções iniciais que nos sobraram depois dessas primeiras Oficinas,

era que os desvios necessários implicariam em percebermos que cada uma das novas Oficinas demandaria outros fazeres e procedimentos práticos.

Em fevereiro de 2011 um convite veiculado na mídia-web para um carnaval de rua que acontece no bairro Cidade Baixa (Porto Alegre) aproximou o Projeto a um grupo de crianças não previsto no cronograma traçado para o início do ano.

As crianças desse grupo residem no Quilombo do Areal da Baronesa, localizado no bairro Cidade Baixa. No local, são aproximadamente 80 famílias que vivem em uma das últimas "avenidas" da região, a Luís Guaranha, historicamente ocupada por famílias negras. A associação de moradores mantém um projeto musical de ritmistas, composto por 70 crianças e jovens de 5 a 16 anos. Após contatos telefônicos fomos convidados a participar do "aquecimento" e assistir ao desfile das crianças no carnaval de rua. Esse primeiro encontro, esse primeiro movimento de aproximação resultou na combinação de uma Oficina que aconteceria no Parque Moinhos de Vento (Parcão). Este aparente "desvio" marcou o que seria a Oficina 3 do projeto.

Oficina 3

Suspensa no momento – Voltamos aqui depois

Local: Parque Moinhos de Vento, mais conhecido como Parcão.

Com quem? 18 crianças residentes na Comunidade Quilombola do Areal da Baronesa, com idades entre 3 a 12 anos.

Quando? 03 de março de 2011 às 9 horas.

É sobre a Oficina do Parcão e os "riscos da improvisação, da desterritorialização, mesmo sabendo dos perigos que tal movimento implica – o das linhas de fuga se tornarem linhas de morte, daquilo que apontava para a criação tornar-se pura abolição." (COSTA, 2006, p.5) que vou "construir o olhar junto com ela e como parte dela". (ROLNIK, 2006, p.15).



(fotografia 3 – árvore fotografada por criança; a inversão da imagem foi do grupo)

Oficina 4

Local: Estação de Tratamento de Águas (ETA) da Avenida Vinte e Quatro de Outubro.

Com quem? 28 crianças da turma 34, do Colégio Rosário, com idades entre 8 e 9 anos

Quando? 16 de maio de 2011/14 horas.

Essa foi a única Oficina com uma turma de escola particular, crianças que possuíam ótimos recursos para captar imagens, máquinas fotográficas e celulares, e que registravam atentas e minuciosamente todos os detalhes do passeio. Além do único percurso disponível no local ser acompanhado por uma monitora que explicava o funcionamento da estação iniciando pelas restrições e os perigos que elas correriam se não respeitassem as regras, as crianças também respondiam a um roteiro prévio de questões que deveriam ser contempladas e entregues posteriormente. Eles sabiam o que iam procurar lá, mesmo sem ter a certeza do que

realmente encontrariam. Tinham conhecimentos sobre vários aspectos dos que foram apresentados pela monitora e tudo que não estava previsto tornava-se elemento para acrescentar na lista do que já era sabido. Ficavam concentradas escrevendo todas as informações que eram disponibilizadas.



(fotografia 4 – Os colegas fotografados por uma das crianças na hora da chegada à ETA)

Diferentemente das outras Oficinas, essa foi marcada pelas práticas pedagógicas escolares: fila, roteiro prévio, perguntas a serem respondidas através da atenção dada as informações de um adulto, visita monitorada e mediada.

As crianças, sob a insígnia da escola, agrupadas pelo número de uma turma, agora são alunos em busca de conhecimentos. A visita é de aprendizagem, mas o tempo para a fruição se inventa, as crianças querem aproveitar o passeio, uma fuga da fila, um pisar no local proibido, uma corrida entre os jardins bem cuidados, um nome inventado para algo que já têm um nome em uma placa, uma fotografia de algo que está além das grades que separam o lugar do resto da cidade. As crianças ensinando que fruição e aprendizagem podem e devem andar juntas.

No dia seguinte retornamos à escola e em um auditório com multimídia mostramos as fotografias que fizemos deles em um telão e eles mostraram as fotografias que haviam selecionado dentre as que produziram durante a Oficina. Devido à recorrência de fotografias em que apareciam as grades amarelas da Estação de Tratamento de Água (das quais foram insistentemente avisados pela monitora que não deveriam se aproximar) e de uma caixa d'água antiga, surgiu então a possibilidade de um olhar coletivo sobre a autoria das imagens que se repetiam. **Se a fotografia é minha e todo mundo gostou então é de toda a turma. As coisas mais legais são aquelas que aparecem na foto de um monte de gente.** Perguntados de como ficaria a autoria das fotografias no site, optaram por colocarem a fotografia e o nome de toda a turma.

Oficina 5

Onde: Cais do Porto e Usina do Gasômetro.

Com quem? 25 crianças de 4 a 13 anos, da Aldeia Kaigang da Lomba do Pinheiro

Quando: 21 maio de 2011 às 9 horas.

No primeiro contato com os adultos da Aldeia foi solicitado que fosse feito um lanche com as crianças. Anotações na agenda:

- 1- Providenciar lanches e máquinas em um número que fosse possível compartilhar.
- 2- Nunca fomos na Aldeia Kaikang; as crianças da Aldeia vão pela primeira vez ao Cais do Porto.
- 3- *Nada mais é origem, nada mais é centro, nada mais é periferia, nada mais é, definitivamente, coisa alguma.* (d/g'in ROULNIK, 2006, p.61).

Esse grupo foi acompanhado pelo professor indígena de língua Kaigang da aldeia e de sua esposa, os lugares foram escolhidos pelas crianças, porém o tempo de permanência foi determinado por ele. O domínio da figura do professor mantinha as crianças atentas aos comandos dele, entendemos que isso se deve em parte porque as crianças não demonstravam medo de se aproximar da água, das pedras ou de escalar as alturas dos guindastes do Porto e também pelo respeito pelos mais velhos e experientes do grupo.

Na Usina do Gasômetro, o entorno e o que acontecia ali era mais importante que o próprio prédio ou sua chaminé. As crianças não manifestaram interesse em entrar no prédio mesmo sendo esse um lugar que a maioria desconhecia. Nos fez pensar também sobre o

quanto alguns espaços não são convidativos em um dia ensolarado. Acontecia naquele dia um evento no entorno do prédio da Usina e o movimento, a música, e as atividades oferecidas apreenderam a atenção e os registros das crianças. No retorno para a aldeia as crianças “negociaram” com o motorista do ônibus um pequeno *tour* pelos Estádios do Inter e do Grêmio.



(fotografia 5 – criança fotografa o Cais do Porto)

Voltamos na semana seguinte para escolher as fotografias. Fomos recebidos na escola da aldeia, as crianças visualizaram as fotografias nos computadores da sala de informática. Riam e lembravam o passeio, perguntaram se poderiam fazer um passeio de barco e no ônibus de turismo da cidade.

A Oficina Germinal



(Série 1 – 3 fotografias que as crianças fizeram no Hospital Psiquiátrico São Pedro)

Quando o projeto era apenas uma intenção enviada à FUNARTE aguardando aprovação, iniciamos um movimento de rastreamento entre os grupos de crianças conhecidas. Com as crianças que frequentavam a Colônia de Férias do Espaço Múltiplo e filhos de amigos e conhecidos, iniciamos as primeiras tentativas.

No dia 9 de julho de 2010, um grupo de 14 crianças, com idades entre 3 e 14 anos, que frequentava a Colônia de Férias do Espaço Múltiplo foi visitar uma exposição de arte que acontecia no Hospital Psiquiátrico São Pedro (Porto Alegre). Foi solicitado que as crianças levassem suas máquinas para registrar a visita. Foi feito também um pedido aos pais para que não se falasse para as crianças sobre o local. O espaço que seria visitado está conectado à loucura e práticas de enclausuramento; as crianças, destituídas de tais sentidos, iriam visitar um espaço de exposição localizado num conjunto arquitetônico antigo e grande. Antes de sair fizemos uma roda para conversar sobre algumas questões: O que é arte? Quem faz arte? Quem é artista? O que é uma obra de arte? Onde ficam as obras de arte?

Polifonias infantis

O que se segue é a tentativa de transcrição da polifônica conversa que tomou conta do grupo:

A arte é o que está nas obras, no papel, nas telas dos museus. Mas pode estar nas ruas, nas estátuas, e tem obras nas ruas também. Pode estar no desenho dos tênis e das roupas. Todos podem fazer obras, ser artistas. A minha mãe disse que eu sou um artista, que estou sempre fazendo arte. Os cegos não podem fazer por que não enxergam e os débeis mentais também não porque não podem pensar. Eu acho que os cegos podem fazer, eles só não vão poder ver depois, eu vi um cara sem as mãos que pintava com os pés. Os surdos podem fazer por que não precisa ouvir para fazer arte. Têm umas obras tri loucas. Louco pode fazer arte? Pode, tem um monte de artista tri loucão. E o que é ser louco? É atravessar a rua correndo sem olhar para os lados. É chegar num guarda que tá de cavalo e bater no guarda. Eu sou louco, a minha mãe sempre diz: - "tu tá louco guri?" e eu sou artista também. As obras de arte ficam nos museus, nas escolas, nos teatros, nos museus, nos hospitais. Pintura é arte, cinema e música não, fotografia é.

O material produzido no dia, aparentemente desconexo e caótico, resultante desta invasão naquele lugar também chamado de castelo, cadeia, prisão – e que ainda assim seria um bom lugar para uma escola – foi germinal; ele nos indicou o que necessariamente seria a cartografia: uma prática de intenso rastreamento, conexões desejantes, exploração, tentativas e invenções estratégicas.

Essa Oficina germinal foi também um importante disparador para pensar junto com as crianças que dela participaram um Seminário que aconteceria na UFRGS, com diferentes pessoas e profissionais para debater sobre infâncias e cidades e onde seria possível uma interlocução com outros grupos que trabalham com imagens, fotografias e diferentes formas de registrar a relação das crianças com a cidade. Encaminhamos um convite para divulgação na mídia e a partir dele fomos convidados a falar sobre o Projeto.

O Seminário aconteceu no dia 17 de novembro de 2010 no auditório da Faculdade de Economia da UFRGS, com 80 inscritos entre professores das redes públicas e particular e alunos das licenciaturas. Foi proposta pelas crianças uma mesa que foi composta pelas as que participaram da Oficina germinal e Oficina 1, por alunos surdos da Escola Municipal Bilingue Salomão Watnick que participavam de um projeto de fotografias da cidade. A mesa causou movimentação entre os participantes e ansiedade entre nós que organizamos. Como a presença das crianças seria recebida e acolhida no ambiente acadêmico? As crianças assistiram a primeira mesa da tarde e quando chegou a vez delas, outras crianças que vieram assistir com seus pais, também participaram. Foi uma experiência de troca de lugares, de escuta daquelas sobre as quais pesquisamos, que agora falavam no espaço que produz muitos dos conhecimentos sobre elas.

<p>Classificados Capital 28 páginas</p> <p>Palavra do Leitor 2</p> <p>Informe Especial 3</p> <p>Reportagem Especial 4 e 5</p> <p>Publica 6 a 18</p> <p>Economia 22 a 35</p> <p>Mundo 36 e 37</p> <p>Geral 38 a 51</p> <p>Polícia 52 a 54</p> <p>Tempo 50</p> <p>Esportes 57 a 61</p> <p>Almanaque Galcho 62</p> <p>Memória 63</p> <p>Paulo Sant'Ana 63</p>	<p>PARA FALAR COM ZH</p> <p>ASSINATURAS www.zerohora.com/assinaturas</p> <p>ATENDIMENTO AO ASSINANTE: Para ligações de Porto Alegre e de celular: (51) 3218-8200 Demais cidades: 0800 6428200 assinantes@zerohora.com.br</p> <p>PARA ASSINAR: 0800 6428222 Atendimento ao Ponto de Venda: 0800 6424088</p> <p>RBS PUBLICAÇÕES www.rbspublicacoes.com.br 0800.051.33.23</p> <p>REDAÇÃO (51) 3218-4300 leitor@zerohora.com.br</p> <p>ANÚNCIOS www.zh.rbs.com.br</p> <p>TELEANÚNCIOS: 32.139.139 teleanuncios@zerohora.com.br</p> <p>COMERCIAL:</p>	<h2 style="text-align: center;">A CIDADE AO OLHAR INFANTIL</h2>  <p>No pátio do hospital psiquiátrico São Pedro, na Capital, crianças participam da primeira oficina do Cartografias Infantis, projeto que reunirá imagens feitas por meninos e meninas de três a 12 anos de diferentes locais de Porto Alegre em um portal de internet. PÁGINAS 4 E 5</p>			
<p>COLONISTAS DE ZH</p> <table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 33%;">CLÁUDIA LAITANO</td> <td style="width: 33%;">MARIA ISABEL HAMMES</td> <td style="width: 33%;">LUIZ ZINI PIRES</td> </tr> </table>			CLÁUDIA LAITANO	MARIA ISABEL HAMMES	LUIZ ZINI PIRES
CLÁUDIA LAITANO	MARIA ISABEL HAMMES	LUIZ ZINI PIRES			

Quanto mais nos preparamos, também deixamos um tanto de despreparo. Isso é necessário, é disso também que se trata pesquisar com as infâncias, se trata de nos desarmar,

desencaixotar, deixar que elas nos inquietem e nos desacomodem. Escutar o que elas falam em nossos ouvidos.

Esse texto em fragmentos convoca a participação daqueles que escutaram e escutam as crianças em suas pesquisas, escritas, trabalhos e em suas vidas. *Esse texto “esburacado” deixa em seu tecido os furos* que me possibilitam respirar e nos quais outros podem entrar para participarem também dessa conversa. Trago nesses fragmentos não citações de três linhas, mas incisões maiores. Roubo daqueles que leio histórias inteiras que aqui acho que cabem. Corro com eles os imensos riscos de tudo ficar sem pé nem cabeça. Corro riscos, bem acompanhada.

Roubo aqui do livro que me acompanha há três décadas e que primeiro me “falou” sobre essa escuta das crianças e sobre esse sair de lugar:

Vocês dizem:

- Cansa-nos ter de privar com crianças.
Têm razão.

Vocês dizem ainda:

- Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.
Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.
Estão equivocados.

- Não é isto que nos cansa, e sim o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

(KORCZAK, 1981, p.11)

Colocando algumas lentes nos óculos

Nos óculos de aros grossos coloco hoje algumas lentes de cores variadas com filtros polarizados (um composto de diferentes autores que são aplicados em sua superfície de vidro transparente). O composto usado é constituído de moléculas que se desalinham naturalmente umas às outras. Mas quando aplicado de maneira uniforme sobre as lentes, as moléculas criam um filtro microscópico que absorve qualquer luz formando linhas e essas se segmentarizam para todos os lados e direções. As primeiras lentes que ajudam a pensar sobre o Projeto são lentes francesas: Deleuze & Guattari. Com eles olhamos e vivemos a cidade como um corpo urbano funcional (ainda que por vezes aparentemente caótico), no qual os lugares são demarcados para que a vida possa se efetivar com uma suposta segurança. A

cidade, partindo deste princípio, apresenta-se como espaço estriado, um rugoso tecido que coloca as ações cotidianas à mercê desta organizada engenharia. Circula-se, habita-se, trabalha-se, diverte-se, brinca-se.

O corpo organizado torna estas atividades possíveis, ainda que trabalhe para o esmagamento do campo de possíveis que se abre sempre que estas são colocadas em movimento. Para cada movimento-ação, um código é oferecido. Então circula-se pelos espaços destinados à circulação: vias, praças, calçadas, avenidas. Falamos de sobrecodificações dimensionais e direcionais: os espaços se oferecem como espaços ópticos (garantindo-nos a suposta ideia de dimensão) e direcionados (reforçando-nos a crença de que estamos sempre entrando-saindo de algo).

O Projeto *Cartografias Infantis* assume este corpo organizado como suporte, tomando a geografia urbana de Porto Alegre como plano inicial. Elencamos cinco lugares majoritariamente constituídos na história e cultura locais: Parque da Redenção, Usina do Gasômetro, Cais do Porto, Jardim Botânico e do Parque Moinhos de Vento (Parcão). Pensávamos inicialmente tratar-se de cinco espaços extremamente conhecidos, achatados pelos sentidos dados, sobrecodificados pelos discursos familiares e pedagógicos. A cartografia partiria então dos clichês oferecidos pela própria cidade.

A cartografia mantém uma relação estreita com as dimensões geográficas propriamente ditas. Na ciência cartográfica propriamente dita, quando se projeta um mapa é preciso informar quantas vezes o terreno real (no caso a cidade de Porto Alegre ou parte dela) foi reduzido. No caso do Projeto *Cartografias Infantis* a geografia será assumida através das lentes de Deleuze & Guattari e dos perceptos⁴ atizados pelos registros fotográficos e pelos enunciados infantis.

A escala – ao invés de dimensional e direcional – torna-se afectiva embaralhando os códigos comuns e abrindo a cidade para linhas quiçá novidadeiras. A experiência cartográfica ganha força em sua coletividade, em agenciamentos coletivos de enunciação que maquinam entradas e saídas, compondo um mapa com escalas de propagação, um mapa de lugares, percursos e deslocamentos multiplicados em cada um de seus infantis (e nem por isso menos “políticos”) enunciados.

⁴ (...) Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). (...) O afecto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa. (...) (DELEUZE, 2004)

A cartografia é feita de encontros

Se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro. Entretanto é necessário pensarmos para além da noção comum de encontro, relacionada a um encontrar algo ou achar alguém-alguma coisa. O encontro, da forma como compreendemos, é da ordem do inusitado e nunca se faz sem um grau de violência (não se trataria, aqui, de uma violência física, mas de um movimento que é violento porque desacomoda e faz com que o mesmo saia de sua mesmice). Deleuze & Parnet (1998) falam do encontro como uma espécie de solidão extremamente povoada – é algo solitário (porque um encontro nos atravessa sempre de maneira única e singular) e ao mesmo tempo povoado (porque sempre se dá entre nós e alguma coisa).

É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se passa entre dois (DELEUZE & PARNET, 1988).

Hódos-metá: revertendo o método

Se formos levar em conta a etimologia da palavra metodologia – metá-hódos, veremos que se trata de um caminho (hódos) determinado pelas metas (metá) que são estabelecidas para que o próprio caminhar seja feito. De acordo com Passos, Kastrup, Escóssia

a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o méta-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta de experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor (...) O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida (...) . (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.11).

Desta forma, o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai constituindo seus passos estando no próprio campo – este não sabe, de antemão, o que irá lhe

atravessar, quais serão os encontros que irá ter e no que estes mesmos encontros poderão acarretar. O cartógrafo, de certa forma, é um amante dos acasos. Está disponível aos acasos que o seu campo lhe oferece, sendo ele, inclusive, uma força dentre as múltiplas forças que configuram o(s) território(s) a ser(em) cartografado(s).

A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa, exigindo do pesquisador posturas singulares. Ele não coleta dados; ele os produz, sempre coletivamente.

Ora, a cartografia é sempre fruto de um agenciamento coletivo: mesmo que seja pensada, proposta, acionada por sujeitos específicos (como no caso do projeto *Cartografias Infantis*), são inúmeros os agentes que colocarão esta cartografia em movimento. Ao invés de contabilizar estes agentes, a cartografia investe naquilo que os coloca em relação através de encontros. Cartografa-se encontros sendo-se, igualmente, um agente produtor destes mesmos encontros.

Anotações num diário de bordo

Quando começamos, não imaginávamos tanta preparação. No início, nos primeiros movimentos sabíamos muito pouco, talvez pistas do que seria um trabalho de escuta, de prospecção, de atenção, de observação das crianças no exercício de registrar alguns pontos da cidade. Agencia-se um grupo de crianças para algo que não se sabe ao certo, que se faz de desejos e de algumas capturas.

Antes ainda, preparam-se as máquinas, as pessoas que acompanham, e, ainda assim, toda a preparação necessária para iniciar demanda outras preparações. Para as intensidades que procuram expressão, a preparação já é um início e um ato disparatório.

[A cartografia definitivamente não nos parece um manual de instruções]

**Da areia desse areal,
das habilidades da prática da cartografia,
das vozes dessas crianças**

As crianças que participaram da Oficina 3 residem no Quilombo do Areal da Baronesa, localizado no bairro Cidade Baixa e ali vivenciam relações de auxílio mútuo e de um cuidar coletivo da infância que caracterizam o morar nas casas da avenida. A partir da Constituição Federal de 1988, quando foi reconhecido o direito à propriedade da terra que ocupavam, os quilombos urbanos são efetivos territórios de resistência e espaço étnico de luta pela manutenção dessas comunidades.

Estamos diante de um grupo que demonstra, em sua prática social, que as formações étnicas e identidades territorializadas podem permanecer e ser fortalecidas no meio urbano. Na Luís Guaranha, persiste uma formação identitária territorializada, alicerçada no território histórico, imaginário e mítico do Areal da Baronesa. “A comunidade se identifica como uma reminiscência viva do que foi um antigo local de moradia de camadas pobres, ex-escravos e escravos libertos, paulatinamente descaracterizado durante o século XX.” (MARQUES, 2005, P.11)

(As crianças e o Olavo falam sobre o Areal)

Quem segue a rua João Alfredo, antigamente denominada Rua da Margem (hoje não se sabe margem de quê), na direção oposta ao centro, depara-se com a avenida Aureliano Figueiredo Pinto, com suas três pistas em cada sentido e corredor de ônibus no meio, dividindo em dois o tortuoso tecido do bairro. Seguindo-se em frente e atravessando a avenida defronte à Travessa Pesqueiro, encontramos a Rua Barão do Gravataí; tomando seu curso, logo surge a Baronesa do Gravataí, cujo leito inicia-se na junção com a rua que toma o nome de seu antigo esposo, o Barão. Seguindo-a por alguns metros, avistam-se crianças brincando pelas calçadas, andando de bicicleta ou jogando “taco”, e jovens que em pequenos grupos recostam-se nas muretas e sarjetas adjacentes. Pode-se ler a presença desses jovens como um sinalizador: chegamos ao estreito beco sem saída – cujo fundo ramifica-se em outros becos sem saída – que curiosamente leva o nome de Avenida Luís Guaranha. (MARQUES, 2005, P.16)

Aqui é o melhor lugar do mundo. Eu passo as férias aqui, moro na Padre Chagas, meu pai é porteiro de edifício, mas eu gosto é daqui, de morar aqui.... Aqui é a casa da minha vó.

Eu gosto daqui porque a gente conhece todo mundo, todo mundo cuida da gente. Chama a gente prá brincar, todo mundo aqui é amigo.

(...) praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. Em realidade, entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo.(KASTRUP, 2010, p.40)

**

Zonas de intercâmbio-contaminação-mistura-intervenção

O processo de aproximação com esse grupo se deu em movimentos coletivos, com o auxílio de alguns adultos que são referências na comunidade e que possibilitaram todos os movimentos posteriores. **O primeiro movimento foi de aproximação** com o grupo. Movimento de intensa observação e contaminação. Os nossos olhares e os olhares das crianças. Nós, desacomodados naquele território até então desconhecido, territorialidade crivada por lutas da Comunidade Negra, encharcado por uma história viva e vívida por reconhecimento social e cultural, zona de convivência entre gerações diversas. Estar ali dizia-nos desta cartografia de nós mesmos. Estávamos quase no coração da Cidade Baixa – bairro de imensa circulação e cotidianamente habitado por nossos hábitos culturais – e ao mesmo tempo jogados para uma outra cidade dentro da cidade nossa-habitual.



(As crianças do Areal no carnaval de rua da Sofia Veloso – olhar fotográfico da fotógrafa que acompanha o projeto)

Neste estranho jogo de estranhamento, fomos imediatamente tragados e conquistados por este diminuto lugar cuja racionalidade urbana se vê impossibilitada de desalojar seus moradores. As crianças a nos observar, percebendo nosso estranhamento e entranhamento com as ruas, as nuances e o ritmo do Areal. E nos cruzamentos desses olhares, a constituição (a nós) microscópica de zonas de intercâmbio-contaminação-mistura-intervenção da cidade em suas fissuras e diferenças. (BANDEIRA & COSTA, 2011, P.

Misturamo-nos com as crianças nas atividades que antecediam o deslocamento até o local de apresentação, assistimos e fotografamos a maquiagem, os últimos ajustes das fantasias e a afinação dos instrumentos. Caminhamos nas ruelas e becos que atravessam o Areal e que são atravessados pelas suas crianças nas idas e vindas dos preparativos para o carnaval, e que são esses os mesmos espaços onde diariamente brincam e circulam cuidados pela comunidade e pelo olhar do coletivo propiciado pela organização do traçado aparentemente caótico de suas linhas de acesso.

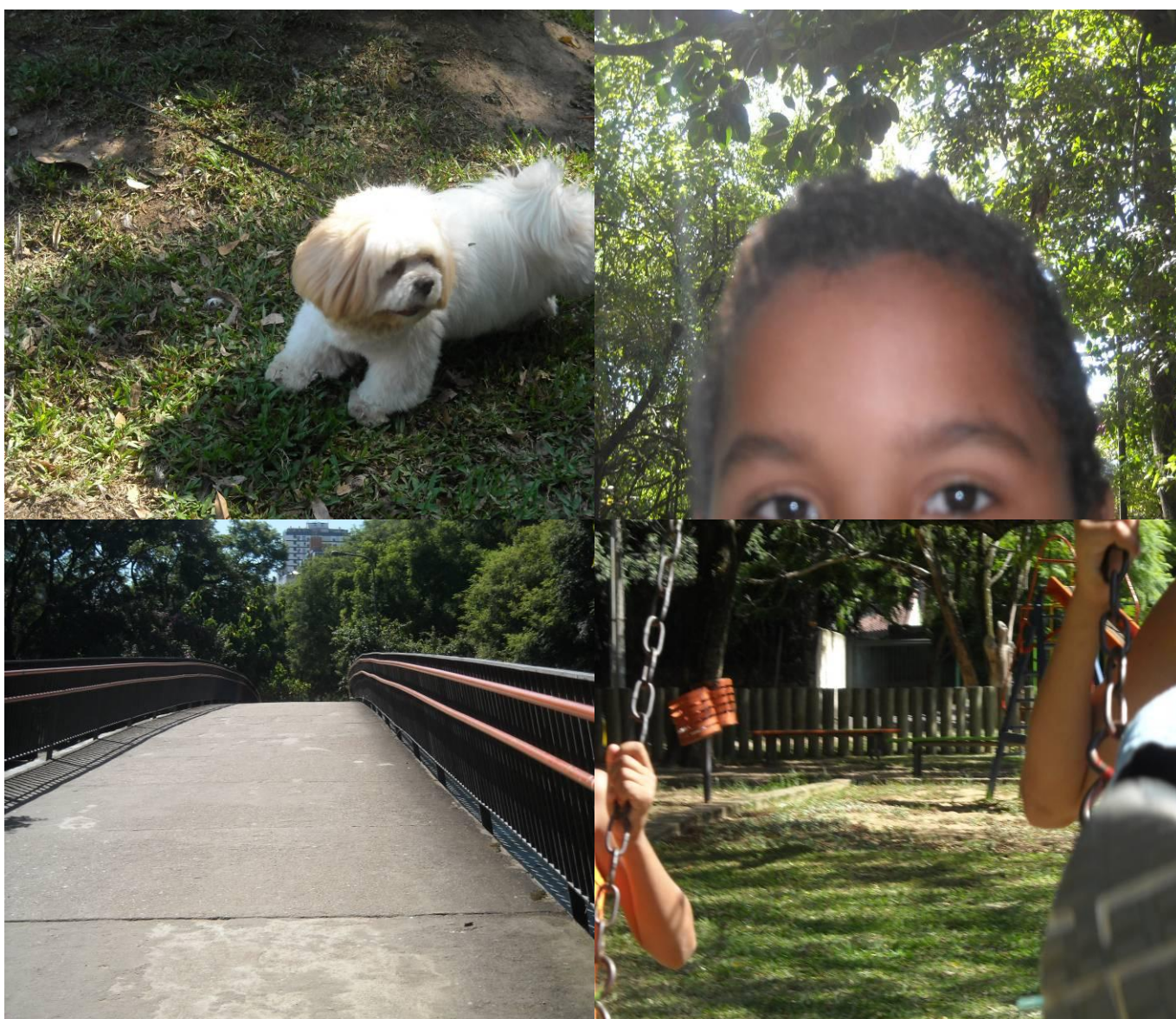
Esse primeiro movimento resultou na combinação de uma Oficina que aconteceria no Parque Moinhos de Vento (Parcão), localidade extremamente (re)conhecida aos olhos da macrocultura da cidade, mas que, para nossa surpresa, era desconhecido para a grande maioria das crianças habitantes do Quilombo. E assim partimos – nós e as crianças – para nossa cartografia.

O segundo movimento foi de deslocamento, não apenas geográfico (seis quilômetros separam o Areal do Parque Moinhos de Vento), mas, sobretudo, deslocamento de olhares e expressões. No micro-ônibus locado pelo Projeto, estávamos a percorrer a cidade com olhares deslocados: olhares das crianças para este lugar do ainda não visto, olhares nossos para estes olhares inéditos – isto sem falar do deslocamento dos olhares daqueles que habitualmente utilizam o local para suas práticas de lazer e desporto.

O Parque Moinhos de Vento (Parcão) tem os seus espaços estruturados pedagogicamente a fim de garantir lazer e atividades esportivas para os moradores de um dos bairros de maior valor imobiliário de Porto Alegre. Por ser a sua localização em espaço

urbano privilegiado, o convite para transitar em seus espaços acaba restringindo-se aos moradores de seu entorno.

Quando chegaram ao Parque Moinhos de Ventos as crianças organizaram-se em dois grupos e cada grupo escolheu percursos distintos para o reconhecimento do território novo que se inaugurava naquele dia. As poucas máquinas fotográficas disponíveis eram usadas coletivamente. Nas errâncias dos trajetos, as coisas, as pessoas e os animais que ali estavam eram o alvo do olhar, do disparo, do clique. Mais do que para fotografar, o Parque era para elas o lugar de explorar e brincar.



(O Parque Moinhos de Vento fotografado pelas crianças do Areal)

Após a exploração e o registro fotográfico, o novo e interessante era o que aquele outro lugar da cidade oferecia para o encontro. Os brinquedos, a tirolesa, os balanços eram os elementos que potencializavam a passagem das crianças pelo Parque e o re-atualizava diante daqueles que pela primeira vez os utilizavam. Tímido, com a máquina na mão, um menino chega para o grupo e pergunta: **Será que posso tirar a foto deste cachorro?** Um colega, não deixando passar a situação, responde: **É melhor você perguntar para o bicho para ver se ele se importa.** E então sorrimos coletivamente naquele lugar comum por nós conquistado.

Em um terceiro movimento com as crianças do Areal, que aconteceu na própria comunidade, as fotografias da Oficina foram disponibilizadas. **Esse terceiro movimento foi de acolhida**, acolhida a nós como parceiros que compartilhamos a visita ao território desconhecido. A sensação era de que firmávamos, de fato, uma espécie de pacto cartográfico. Nossa intenção era provocar narrativas a partir dos registros fotográficos, adentrar as linhas narrativas como outra possibilidade cartográfica.

As fotografias espalhadas na mesa foram organizadas pelas crianças em diferentes possibilidades de narração. Inicialmente deu-se uma narrativa mais linear, que contava dos tempos, dos movimentos e atravessamentos desde o primeiro encontro. Outras crianças se juntaram ao grupo. Era sábado, final de verão. Circulação intensa das crianças do Areal em sua principal avenida. A porta aberta da Associação era também um convite a novos olhares diante daquelas fotografias que se mostravam como traços daqueles trajetos e brincadeiras outrora vividos naquele lugar tão perto e tão longínquo.



(As crianças do Areal escolhendo as fotografias pelo olhar da observadora externa do Projeto)

Suspeitávamos que, além daquelas imagens e narrativas, estávamos diante de uma cartografia afetiva, de pequenos mapas afetivos que por vezes se encontravam e por vezes se lançavam ao disparate.

Indagações sobre o lugar visitado, sobre a tarde de carnaval. Fotografias atestando um real já encharcado de fantasias. Demo-nos conta de que estávamos todos diante de um especial rastreamento: não apenas o rastreamento dos percursos e acontecimentos do passeio, mas dos caminhos da própria pesquisa e dos contornos singulares que o Areal e o Parcão ganharam com os olhares daquelas infâncias.

Um último movimento interessante daquela experiência diz respeito à própria noção de autoria. Antes de partirmos era necessário decidir com quem ficariam as fotografias. A nossa hipótese era que cada um ficaria com as fotografias que havia produzido. Mas a organização coletiva, afetiva e as práticas sociais do Quilombo do Areal contribuíram, quiçá, para outra possibilidade. As crianças – herdeiras e produtoras da história daquele território – optaram em deixar as fotografias aos cuidados da moradora mais antiga do Areal – Dona Sônia –, que conheceu os pais e os avôs de todos eles.

As fotografias encontram-se sob os cuidados daquela que seguramente é a memória viva mais potente da Comunidade. Além disso, quando estávamos discutindo as fotografias,

testemunhávamos a postura coletiva das crianças, tal qual já havíamos vivenciado com as crianças da turma 34 do Colégio Rosário. O olhar do grupo voltou-se não para a autoria individual de cada fotografia, mas para aquilo que coletivamente conseguiu-se produzir. O local, capturado por diferentes sujeitos de forma repetida, ou fotografado de forma inusitada, é motivo de ligação entre o público e o privado, entre o singular e o coletivo, entre o único e múltiplo. Estávamos todos ali na tentativa de produzir algum outro registro com todos aqueles registros que pululavam. Não mais uma cartografia do Parque Moinhos de Vento, mas dos ventos que nos levaram ao grupo e dos efeitos daquele intenso encontro.

Cidade/Infância Memória do Invisível

Assim, se ainda consigo vencer esse silêncio sublime que merece a infância é no intuito de afirmar palavras que explorem e afirmem essa outra infância invisível e, a partir dessa nova visibilidade, encontrar um novo lugar para a infância, a infância de um novo lugar. (KOHAN, 2009. P.6)

Como esse mapa se faz enquanto se caminha no território da pesquisa e como um dos tantos temas que me interessa na investigação é **tornar visíveis as maneiras como esse grupo de crianças se apropria e recria os espaços da cidade e se é possível olhar a nossa cidade através do olhar da infância** retorno ao Areal.

Retorno mais uma vez, só que agora retorno com todas as fotografias que foram escolhidas até então pelos diferentes grupos para compor o site e uma exposição itinerante que circulará em diversos espaços da cidade. O meu objetivo era organizar com as crianças da Luis Guaranha uma exposição na Associação Comunitária da Comunidade Quilombola do Areal. Trazer para um dos lugares onde residem algumas das crianças que participaram do Projeto as fotografias das outras crianças. Antes de lá a exposição foi montada na Livraria Palavraria e no Colégio Rosário, mas para que todos que participaram pudessem olhar para as fotografias que foram tiradas, a exposição deve inicialmente percorrer os lugares onde essas crianças transitam.

Levei as fotografias, papel, canetinhas coloridas, cartolinas, fios de nylon e fita adesiva ao encontro combinado para a tarde de 20 de novembro na Associação. A pessoa responsável por intermediar esses encontros com as crianças é sempre a Dona Sônia. Da mesma forma ela se responsabiliza pela assinatura dos Termos de Consentimento de uso de imagem e do cuidar dessas crianças. Os adultos que entram na Associação enquanto

conversamos e organizamos as fotografias nunca são mães das crianças que ali estão. São primas, tias, algumas carregam bebês que também não são seus filhos. “Esse cuidado que não é ancorado apenas na vida familiar, mas, em redes de socialização plural” (BARBOSA, 2007, p.1064). Quase todos são parentes, segundo as crianças. A organização desse território no espaço urbano de Porto Alegre desafia a cidade não apenas em sua geografia de resistência, ou a apropriação e uso do espaço urbano em seu conjunto como direito social, mas, também, nas formas como se ocupa e cuida coletivamente de sua infância.

As fotografias foram dispostas no chão para que a visualização fosse privilegiada. As crianças que lá estavam não eram todas as 18 que participaram da Oficina ou do outro encontro, mas nos conheciam do carnaval e estavam todas curiosas em saber se iríamos fazer um passeio para outro lugar. Explicamos que queríamos organizar uma exposição com eles, que estávamos ali com os materiais e que quem organizaria a forma como as fotografias seriam colocadas nas paredes seriam elas.

As crianças ficaram um longo tempo decidindo os critérios para organizar as fotografias. Primeiro foi pensado em separar em animais e pessoas, depois parques, águas, plantas. Quando começaram a pensar a forma de colocar na parede foi então dada uma ideia por um deles: de fazer uma moldura para as fotografias com o papel. Na confecção das molduras, as fotografias começaram a ganhar nomes, mesmo aquelas as que já tinham um título dado anteriormente pelos outros grupos.

Uma constatação delas é que alguns dos lugares fotografados não eram conhecidos por eles; a Estação de Tratamento de Águas e o Cais do Porto eram lugares desconhecidos pela maioria e por um número menor de crianças o Jardim Botânico. Os cinco lugares escolhidos para iniciarem o Projeto por supostamente já serem conhecidos pela maioria das crianças da cidade: Parque da Redenção, Parque Moinhos de Vento, Usina do Gasômetro, Cais do Porto e Jardim Botânico porque supostamente já eram conhecidos pela maioria das crianças da cidade não se confirmam, pois mesmo sendo o acesso a determinados lugares mediado pela escola, nem todos conseguem ser contemplados pelas escolhas e demandas do currículo.



(As crianças do Areal organizando a exposição – olhar fotográfico da fotógrafa que acompanha o Projeto)

Os títulos dados às fotografias compuseram com as fotografias um novo olhar sobre as outras Oficinas e não permitiu permitiram que houvesse um critério que separasse em grupos as imagens como as crianças haviam pensado inicialmente. Os títulos criavam um texto com a fotografia e narravam a cidade pelas histórias que iniciavam na nova moldura de suas margens. Os pequenos, que não sabiam escrever, desenhavam e criavam um cenário complementar para os locais fotografados. As fotografias foram dispostas como unidades que compunham com as outras a exposição, mas que sozinhas contavam algo sobre o olhar dessas crianças sobre a cidade.

Durante a tarefa de organizar as fotografias muitas conversas e observações: **A cidade é tão bonita, pena que a gente não conhece. A gente não conhece porque a cidade é longe. Só o Marinha é perto daqui.** Tem de pegar ônibus e é tudo longe. **Só si vai com o colégio para ir longe, mas aí é chato. Não dá para brincar e nem correr. Quem viaja para ir no colégio é o Maicon e a**

Vânia, eles vão de van. E vocês estudam aqui perto? **Aqui do lado, na rua debaixo.** Pergunto se eles já visitaram com a escola a Avenida Luis Guaranha, **porque se é aqui que a gente mora? O que que a professora vai mostrar para a gente? Aqui não tem nada de importante.** Falei que a rua era importante primeiro porque eles moravam lá e, segundo, que ela é importante para a história da cidade e por ser um lugar reconhecido como Quilombola. E logo ouvi: **E isso é importante para estudar na escola? Não tem nada aqui para aprender, aqui é bom para morar, mas a professora deve ter até medo de entrar.** Pergunto medo de que a professora teria... **ahh sei lá, da gente que mora aqui...**

No estudo etnográfico realizado por Olavo Ramalho Marques há uma definição desse espaço Quilombola feito por uma de suas moradoras, que trago aqui para anunciar os possíveis encontros desse lugar, suas crianças e a cidade: “Essa rua, esse lugar, estar no centro da cidade, perto de tudo, nós temos a avenida todinha para nós, para nossas crianças. O que queriam aqui era nos mandar para o raio que o parta!” – Gessi (MARQUES, 2006, p.103).

Na conversa com as crianças, esse “raio que parta” para o qual queriam mandar o Areal e todos que lá residem, que é expresso pela Dona Gessi, se confirma na não existência desse lugar nas escolas de seu entorno. As crianças atravessam apenas uma rua para chegar à escola, mas esse espaço histórico e de resistência cultural e social não parece ser importante para ser estudado. As crianças expressam nas suas falas essa invisibilidade que se apóia na importância dada à memória desse lugar nas escolas onde estudam. O imaginário sobre o lugar que habitam se reforça no desaparecimento de suas manifestações no currículo escolar. O lugar e eles próprios não aparecem ocultados pelo o que eles identificam como medo das pessoas que habitam o Areal. Não sei o quanto o entorno da escola é desconhecido por essa escola especificamente ou pelas escolas de um modo geral, mas o quanto sabem dele e de que forma dão a saber aos seus alunos constitui parte dos saberes sobre eles mesmos e a cidade que habitam.

O que fica de uma experiência cartográfica?

Ao nos enveredarmos pela cidade através das linhas de infância, esta mesma cidade foi se abrindo e se mostrando de forma singular e inusitada aos nossos olhares até então "acostumados". Aos olhos do urbanismo ou de uma geografia macropolítica, tudo se mantém exatamente como está. Um passante qualquer dirá que nada mudou após nossa experiência cartográfica: é a "mesma" cidade, o "mesmo" parque, as "mesmas" árvores, o "mesmo" tráfego de carros, as "mesmas" crianças, a "mesma" comunidade quilombola, os "mesmos" pesquisadores. Todavia, ao nos perguntarmos acerca do que se passou, lançamos à suposta mesmice um campo de possibilidades até então não vivenciado.



(Crianças do Areal – olhar fotográfico da observadora externa do Projeto)

A cidade – ou pelo menos uma das cidades possíveis nesta grande maquinaria que atende pelo nome cidade – ganha novas imprecisões em seus acostumados contornos. E então somos tentados a afirmar que a gente cartografa mesmo com estes restos de quase nada e que, ao final das contas, aquele que cartografa está, na realidade, cartografando a si-mesmo. (BANDEIRA & COSTA, 2011, P.11)

Confissão de encantamento

Das crianças que participaram até aqui do Projeto *Cartografias Infantis*, esse foi o grupo da Comunidade do Areal foi o que mais interrogou e colocou em questão os lugares de cada um. Foi com eles que vivenciei pela primeira vez a situação da autorização de participação e uso de imagem ser assinada não pelos pais das crianças, mas por uma representante da comunidade. Isso aconteceu também com as crianças da Aldeia Kaigang. As crianças têm pais, mas mais que isso, elas pertencem a uma comunidade, que se entende responsável por todos de forma coletiva. E o coletivo se espalha pelas formas de usarem e partilharem as máquinas, dividirem o lanche e cuidarem-se também entre si.

Queria ter mais tempo para poder com eles observar e de mais perto ouvir sobre as relações que estabelecem com essa cidade, essa relação de viver em espaço de resistência contra a lógica do crescimento urbano, a lógica imobiliária que gostaria de ocupar o espaço em que eles vivem. As transmissões culturais, os valores sociais que se perpetuam nas práticas orais, na manutenção de um grupo de ritmistas mirins e de uma associação de moradores.

Queria também ver com mais atenção, tempo e com eles, como se dá a relação deles com a cidade após o ingresso na escola, quando além de crianças do quilombo eles se tornam também alunos da escola. Ver de que maneira o quilombo é estudado nas séries iniciais da educação básica nas escolas do entorno da comunidade, escolas que são frequentadas pelas suas crianças. “Ainda assim, não se trata da bizarrice dos encontros insólitos.” (FOUCAULT, 1966, p. 4). Esse grupo “descabido” e o movimento interno nesse lugar que habitam, e a relação e a tensão deles com o movimento externo da cidade, são para mim tema de interesse que não foi possível esgotar aqui.

Queria o tempo, para que instigada pelas possíveis tensões e movimentos mediados e produzidos pela comunidade e pela escola em sua relação com as crianças do Quilombo do Areal, eu pudesse com elas questionar e tensionar a relação que estabelecem com a cidade. Pudesse eu acompanhar, cartografar como elas desenvolvem conceitos sobre questões como território, comunidade, pertencimento antes e depois de iniciar o processo de escolarização e como isso se reflete nas suas vidas.

Confesso meu encantamento pelas inúmeras possibilidades do Areal e novamente convido Foucault, para poder correr os riscos, bem acompanhada: “sabe-se o que há de desconcertante na proximidade dos extremos ou, muito simplesmente, na vizinhança súbita

das coisas sem relação; a enumeração que as faz se entrecrocarem possui, por si só, um poder de encantamento” (FOUCAULT, 1966, p.4).

Encanta-me as possibilidades de pesquisar sobre como o pensamento das crianças sobre o espaço que habitam é produzido e educado na comunidade e depois no ingresso na escola. E depois do ingresso escolar, como esse pensamento se faz possível em outros pensares sobre o lugar em que se vive. E se esses pensamentos e dizeres entram no jogo do verdadeiro e falso à partir das práticas discursivas e não discursivas que circulam na escola. Não tenho a intenção de opor os saberes das crianças da comunidade aos saberes das crianças escolarizadas, porque uma não exclui a outra, uma ainda é parte da outra. Nem pensar a comunidade e a escola em oposição, mas como contrapontos da questão. E as infâncias e as crianças como contrapontos de todos esses pensamentos sobre as cidades, as infâncias e seus lugares.

Não é tudo, mas é tanto...

Finalizo aqui usando meus óculos, a tinta, o novelo, as tesouras abertas e os raios. As rãzinhas continuam pulando na minha frente. Sigo encantada, cartografando. Meu percurso é de espalhamento, me desloco, farejo, rastreio, olho para tantos lados e todos os lados parecem formar uma malha colorida. Encantada, tentada a outros deslocamentos, mesmo que imperceptíveis, desses que fazemos silenciosamente sem sair do lugar.

Quando a escrita de um trabalho de conclusão se inicia? Quanto tempo leva para terminar um curso de quatro anos? Essa escrita tentou dar conta, minimamente, do tanto e de um pouco de tudo que foi o Projeto *Cartografias Infantis* e a Oficina número 3 com as Crianças da Comunidade Quilombola do Areal e tudo que daí se contamina e prossegue. Com certeza não consegui. Nas palavras escolhidas, outras tantas escapam, e “as palavras são essas breves aparições de nós mesmos” (FISCHER, 2005, p.121) e com elas o intraduzível, o incapturável do tempo que durou o curso de Pedagogia e todas as experiências que aqui me atravessaram.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. FERNANDES, Susana Beatriz. Texto de Abertura das Exposições do Projeto Cartografias Infantis. Disponível em: <http://criandoinfancias.blogspot.com/acessado em 27/11/2011>.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira Barbosa. Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: as Socializações e a Escolarização no Entretecer destas Culturas. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1059-1083, out.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>. Acessado em 27/11/2011.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. *Diário de bordo de uma viagem-intervenção. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da Citação*. Belo Horizonte. UFMG, 1996.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. da UFSC. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Luciano Bedin da. Trecho de e-mail recebido em 2009.

Edital da FUNARTE/2010. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/edital/bolsa-funarte-de-reflexao-critica-e-producao-cultural-para-internet/>. Acessado em 27/11/2011

FERNANDES, Susana Beatriz. “*Eu não te confesso, mas um dia você vai saber o que é uma escola*” – escolarização, infância e experiência. Tese de Doutorado. PPGEDU/UFGRS. 2009. Disponível em: http://sabi.ufrgs.br/F/K9KLP1869KR9H7G695RIPHA4B4C1S2284TI4B7I3KFVESDBVC17808?func=findb&request=susana+beatriz+fernandes&find_code=WAU&adjacent=N&x=54&y=10&filter_code_2=WLN&filter_request_2=&filter_code_3=WYR&filter_request_3=&filter_code_4=WYR&filter_request_4

FISCHER, R. M. B. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In. COSTA, Marisa Vorraber & BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Org.) *Caminhos Investigativos III - Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras* – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KOHAN, Walter Omar. *A infância, entre o humano e o inumano*. Disponível em: http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Kohan.pdf. Acessado em 27/11/2011.

MOREIRA LOPES, Jáder Janer. Geografia das crianças, geografia da infância in *Infâncias - Cidades e Escolas amigas da criança*. REDIN, Euclides, REDIN, Marita Martins e MÜLLER, Fernanda(orgs). Mediação. Porto Alegre. 2007.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA. DETALHAMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Certificado.pdf>.

Acessado em 27/11/2011.

REDIN, Euclides. Conclusão: como construir uma cidade mais feliz?In: *Infâncias - Cidades e Escolas amigas da criança*. REDIN, Euclides, REDIN, Marita e MÜLLER, Fernanda (orgs). *Infâncias – Cidades e Escolas amigas da criança*. Mediação. Porto Alegre. 2007.

REDIN, Marita Martins. Planejando na educação infantil: com um fio de linha e um pouco de vento. In: *Infâncias – Cidades e Escolas amigas da criança*. REDIN, Euclides, REDIN, Marita Martins e MÜLLER, Fernanda(orgs). *Infâncias – Cidades e Escolas amigas da criança*. Mediação. Porto Alegre. 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2008.

TONUCCI, Francesco. *La Ciudad de los Niños*. Roma: Fundación Germán Sánchez Ruipérez. 1997.

Comunicação pessoal:

Trecho de e-mail recebido em 2009

COSTA, Luciano Bedin. *Bio-thanatos-grafia: vida e morte na escritura autobiográfica*. Lille, 2009 (texto digitalizado).